

Mutação antropológica e dimensão estética no espaço social: o diagnóstico de Pier Paolo Pasolini

Paula Tárzia Fonteles Silva

Universidade Estadual do Ceará

A presente proposta de comunicação objetiva abordar na obra de Pier Paolo Pasolini (1922-1975) o último período de sua produção, ou seja, o do intelectual corsário, tendo como base os seus escritos e filmes. Em tais obras, Pasolini identifica, na forma de um diagnóstico, alguns sintomas que afetaram cotidianamente os indivíduos nas suas disposições e faculdades, em virtude da mutação antropológica decorrente do avanço tecnológico no neocapitalismo, ou seja, do processo de modernização da Itália no final da década de 60'. Entre esses sintomas destacam-se a crise do sentido, a inexpressividade, o conformismo, a agressividade, o mimetismo, a nova delinquência e diversas degenerescências do corpo e da individualidade algo que pôs em risco o estatuto e a integralidade antropológica. Pasolini identificou essas transformações decorrentes de tal mutação antropológica no âmbito do espaço social, e interpretou o cotidiano dos indivíduos com base em certos elementos antropológicos, estéticos, éticos e políticos. Era preciso compreender aquilo que afetou o modo de vida anterior, após a presença dos novos estilos de vida oriundos de tal modernização: nos sentidos, nos corpos, na fala, nos comportamentos, nos liames sociais e relações comunitárias. Restava apenas a ruína de valores e sentidos sociais, produzidas por essa mutação antropológica.

Para tratar da problemática modernização e mutação antropológica na dimensão estética no espaço social em Pasolini, é necessário

que entendamos o processo de modernização italiana ocorrido no final da década de 60'. Esse período da Itália, corresponde ao *boom econômico*¹ ou chamado "milagre econômico" italiano, que seria a consolidação de nova forma do capitalismo. Pasolini vai identificar que, devido a modernização uma tradição cultural está sendo destruída e nascendo uma nova cultura, ou seja, também uma nova linguagem, de natureza evidentemente tecnológica e com padrões burgueses. Trata-se aqui da mudança que Pasolini identifica, em seu período "corsário", após as transformações do capitalismo e a presença de fenômenos decorrentes da modernização. Para Pasolini a mutação antropológica ocorreu na sociedade italiana, a partir do processo de modernização, gerando uma dominação completa de uma lógica capitalista e burguesa, provocando o consumo e o desenvolvimento econômico sem progresso social e cultural².

Dessa maneira, Pasolini relata como as novas formas de relações sociais, estabelecidas nesse novo contexto, isto é, da passagem do capitalismo para o neocapitalismo, acarretam uma crise no âmbito antropológico, algo que influência, decisivamente, a prática cotidiana, o sentimento de comunidade e toda uma cultura anteriormente constituída e vivenciada. Desse modo, o autor afirma que a Itália passa por uma "homogeneização cultural" impulsionada pelas elites e que o contexto social se modificou, transformou-se em algo extremamente unificado e homogêneo. Daí Pasolini afirma:

Na passagem do capitalismo para o neocapitalismo, através da sua <revolução interna>, que coincide com a revolução tecnológica, a função de irradiação e de homogeneização linguísticas das elites intelectuais (o direito a religião, a escola, a literatura) está em vias deter-se bruscamente, e tem vindo a ser substituí-

¹ LAHUD, Michel. *A vida clara: linguagem e realidade segundo Pasolini*, p. 71. Enzo Siciliano descreveu em seu livro sobre Pasolini essa face embrutecida do país correspondente ao período do *boom econômico* e da difusão dos *mass media*, pois contribuíram para uma completa e nova barbárie. Cf. SICILIANO, Enzo. *Vita de Pasolini*, Milano, Rizzoli, 1981, pp.345-346.

² Ver aqui o que Pasolini escreve em um artigo intitulado *Desenvolvimento e progresso*. Para Pasolini o desenvolvimento da Itália significa uma promoção social e liberação, com consequente abjuração dos valores culturais que lhes tinham sido fornecidos pelos modelos do 'pobre', do 'trabalhador', do 'poupador', do 'soldado', do 'crente'. A massa é, portanto, a favor do desenvolvimento, mas vive essa ideologia só existencialmente, e é existencialmente portadora dos valores de consumo. Cf. PASOLINI, Pier Paolo. *Scritti Corsari. il progresso come falso progresso*. p. 95.

da pela função análoga doravante preenchida pelas dos técnicos. (...) Consideramos justamente agora a transformação de uma sociedade capitalista em sociedade neocapitalista. O que seria uma simples evolução, se se tratasse de um fenômeno puramente extensivo, de melhoramento de tipo reformista, etc., mas que, pelo contrário, é uma revolução, porque a transformação de uma sociedade capitalista em neocapitalista coincide com a transformação do <espírito científico> em <aplicações da ciência>, e com as modificações de âmbito antropológico decorrentes³.

Para Pasolini o neocapitalismo fez com que toda uma realidade cultural (uma cultura camponesa, pré-católica e paleocapitalista, ou seja, uma cultura popular) deteriorasse para dar lugar a uma nova realidade, a saber: cultura de massa (sociedade dos consumos). De acordo com Pasolini o neocapitalismo destruiu qualquer forma de resistência cultura popular que nele existia, e que no presente só resta uma cultura de massa que tem como imperativo o consumo das mercadorias. Numa entrevista concedida a Dufлот, Pasolini é questionado: “Que foi feito da resistência das camadas populares a esta cultura de massa? E da dinâmica de baixo, e da esperança de que a Itália pobre era depositaria até os anos 60?”⁴

Dia após dia assistimos a um massacre sistemático dos valores antigos, dos valores positivos, originais... É isto o que vemos nesta sociedade em via de nivelamento. A partir de então, a cultura popular aparece como objeto arqueológico, recoberta com está pela cultura secreta diretamente pelos imperativos do consumo das mercadorias. Todos os valores ligados à pátria, à igreja ou aos modos de vida agrários ou proletários foram enterrados; as únicas clivagens que subsistem mais ou menos artificialmente entre estes estratos, no grande metamorfismo neocapitalista, são aqueles das opções políticas ou antes aqueles que simbolizam as escolhas deste ou daquele partido⁵.

Nos seus últimos escritos Pasolini denuncia o avanço brutal do neocapitalismo, que provou destruição completa de valores culturais

³ PASOLINI, Pier Paolo. *Empirismo Eretico*. Milano: Garzanti, [1972]. Trad. Pp. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p.51.

⁴ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Dufлот* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 157-158.

⁵ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Dufлот* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 157-158.

particulares⁶ do povo italiano, gerando uma total padronização dos indivíduos, pois todos estes, agora, querem se comportar da mesma maneira. Tal maneira está imposta pelo neocapitalismo e os *mass media*, impondo a todos italianos um comportamento *mimico*, a saber: nos cabelos, nos gestos, nas vestimentas e na língua. Dessa forma, Pasolini vai afirmar que ocorre na Itália e uma total normalização a partir de um único modelo. Daí Pasolini afirmar:

A Alemanha a Hitler. Ali também os valores ligados aos diversos particularismos culturais foram destruídos pela violenta homologação da industrialização: o que teve por consequência a formação destas enormes massas que eram mais antigas (camponesas, artesãs) e ainda não eram modernas (burguesas) e que constituíram o corpo selvagem, aberrante, imponderável das tropas nazistas. Alguma coisa de parecido acontece na Itália: com uma violência ainda maior, porque a industrialização dos anos 70 constitui uma “mutação” decisiva, mesmo em comparação com a mutação alemã de cinquenta anos atrás. Não nos encontramos mais, como aliás todos sabem, diante de “novos tempos”, mas diante de uma nova época da história humana: desta história humana que se mede por milênios. Os italianos não poderiam reagir de forma pior diante deste trauma histórico. Em alguns anos, eles se tornaram (particularmente no Centro-Sul) um povo degenerado, ridículo, monstruoso, criminosos. Basta sair à rua para compreendê-lo. Naturalmente, para compreender as mudanças destas pessoas é preciso amá-las. Infelizmente, de minha parte, amei os italianos: tanto fora dos esquemas do poder (ou seja, opondo-me desesperadamente a eles), quando fora dos esquemas populistas e humanitários. Tratava-se de um amor real, enraizado na minha maneira de ser. Eu portanto vi com os meus sentidos o comportamento do poder de consumo recriar e deformar a consciência do povo italiano, até um estágio de irreversível degradação⁷.

Nesse sentido, Pasolini vai afirmar que esse momento é de um vazio histórico e que acabou com um tipo de sociedade italiana, assim, com esta destruição, encontrasse em vias de formação e consolidação um outro tipo de sociedade italiana. Dessa forma, Pasolini vai identificar que essa “nova civilização” se realiza no ato do consumo como nova felicidade, pois esta mutação antropológica é oriunda do avanço

⁶ A destruição de valores culturais italianos foi tratado no ponto 1.2.

⁷ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 153-154.

tecnológico do capitalismo contemporâneo. Os sintomas dessa nova civilização de consumo nos corpos das subjetividades passariam então a resumir a composição da ordem das relações individuais e coletivas sob os signos do desenvolvimento econômico. De acordo com os argumentos pasoliniano:

Sabem que a cultura produz códigos; que são os códigos que produzem o comportamento; que o comportamento é a linguagem; e que num momento histórico em que a linguagem verbal é toda ela convencional e esterilizada (tecnizada), a linguagem do comportamento (físico e mimico) assume uma decisiva importância. Assim, para tornarmos ao princípio do nosso discurso, parece-me que há boas razões para afirmar que a cultura de uma nação (neste caso concreto a Itália) se exprime hoje em dia sobretudo através da linguagem do comportamento, ou linguagem física, mais um certo quantitativo – completamente convencionalizado e extremamente pobre – de linguagem verbal. É a esse nível de comunicação linguística que se manifestam: a) a mutação antropológica dos italianos; b) a sua total normalização a partir de um único modelo. Portanto: decidir deixar crescer o cabelo até aos ombros, ou cortar o cabelo e deixar crescer uns bigodes à fim-de-séculos; decidir atar uma fita à volta da cabeça ou enfiar um boné com a pala a tapar os olhos, decidir sonhar com um Ferrari ou com um Porsche; seguir atentamente os programas de televisão; conhecer os títulos de um ou <best-seller>; vestir-se com as calças e camisolas imperiosamente na moda; ter relações obsessivas com moças que trazem ornamentalmente ao lado, mas ao mesmo tempo com a pretensão de serem <livres>, etc., etc., etc.: todos estes são atos culturais. Ora bem, todos os italianos mais jovens praticam estes idênticos atos, têm esta mesma linguagem física, são intercambiáveis; o que seria uma coisa velha como o mundo se estivesse limitada a uma classe social, a uma categoria: mas o fato é que estes atos culturais e está linguagem somática são interclassistas. Numa praça cheia de jovens, já ninguém é capaz de distinguir, pelo corpo, um operário de um estudante, um fascista de uma antifascista, coisa que ainda era possível em 1968.⁸

Diante da constatação da brusca mutação antropológica que Itália passa no final da década de 60', devido o intenso desenvolvimento industrial e econômico, Pasolini identifica que o princípio da burgue-

⁸ PASOLINI, Pier Paolo. *Scritti Corsari. il progresso come falso progresso*, p. 38.

sia é unificador e de novo espírito encarnado pela cultura de massa e das novas tecnologias, está por sua vez com espírito homologador, que destruiu vários tipos de cultura italiana. Para Pasolini, a mutação antropológica integrar todos os indivíduos à mesma referência, o consumo, como uma redoma que envolve todas as classes sociais, dessa maneira, todos passam a cumprir o modelo pequeno-burguês, aquele associado ao consumo incessantemente. Diante disso, Pasolini afirma:

Em quinze anos, uma enorme mutação subverteu as estruturas sociais da Itália: uma revolução antropológica. Esta revolução realizou-se na fase mais intensa de desenvolvimento industrial e econômico que este país já conheceu. Ao analisá-la, dois fenômenos parecem-me exprimir esta transformação em profundidade. Em primeiro lugar, as camadas camponesas da sociedade, a pequena burguesia que foi durante muito tempo clerical por tradição, toda esta sociedade média mergulhou na ideologia do consumo, no novo hedonismo liberal. Esta ideologia ligada à produção e ao consumo dos bens, na maior parte do tempo supérfluos, acabou por se impor como uma moda, um verdadeiro hábito. A mídia criou a necessidade particularmente deletéria de uma informação que redunde no sentido da propaganda e da publicidade. O homem desta mutação, seja qual for sua reivindicação de autonomia e de individualismo, não se pertence mais. É homem formal, cortado de todos os seus poderes. Sua única razão de ser é justificar a abstração do poder, que ele mantém no lugar graças à aposta de tolos do sufrágio eleitoral. Este homem já não tem mais raízes, é uma criatura monstruosa do sistema; eu creio capaz de tudo.⁹

Dessa forma, Pasolini afirma que devido a homologação cultural, gerada pela mutação antropológica, os italianos passam a vivenciar uma aparente igualdade social, visto que todos passam a ser padronizados em sua forma de vestir, de falar, de se comportar, de cortar os cabelos, parecendo que todos são iguais. Essa nova realidade, imposta aos italianos, pela mutação antropológica (homologação cultural) está associada a sociedade do bem-estar e de uma felicidade no ato de consumir, fazendo com que os indivíduos velem a realidade para viverem no mundo de “encantamento” do neocapitalismo. Com isso,

⁹ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, pp. 156-157.

Pasolini identifica que todos estamos em risco, dada as psicopatias¹⁰, algo que não existia quando os antigos valores predominavam. Daí Pasolini afirma:

A ideologia começa com a seguinte constatação: a sociedade industrial formou-se em contradição total com a sociedade precedente, a civilização camponesa (representada no filme pela criada), que possuía o sentimento do sagrado. Em seguida, este sentimento do sagrado foi se ligando às instituições eclesiásticas, degenerando-se até a ferocidade, sobretudo assim que foi alienado pelo poder. Pois bem. Seja como for, este sentimento do sagrado estava no coração da vida humana. A civilização burguesa o perdeu. Pelo que ela substituiu este sentimento do sagrado depois da perda? Pela ideologia materialista do bem-estar e do poder. Pois bem. Por ora, vivemos um momento negativo do qual ainda ignoro a saída. Só posso então propor hipóteses em lugar de soluções. E tudo o que posso dizer é que uma era nova começou, tão distinta da precedente como a época da agricultura se distingue daquela da coleta.¹¹

Nesse sentido, a nova realidade, impulsionada pela “burguesia neocapitalista se arranja para fazer desaparecer aqueles seus filhos que não são nem ‘obedientes’ nem ‘desobedientes’ o mundo da produtividade, a sociedade de consumo os expulsa, à sua maneira. A ordem exige a obediência total”¹². Dessa maneira, a nova realidade significa uma total padronização dos indivíduos, envolvendo sua dimensão objetiva e subjetiva, como exemplo o comportamento.

Dessa forma, Pasolini tem uma visão pessimista do futuro, devido a mutação antropológica que ocorre na Itália. Pasolini percebe que devido a mutação antropológica antigos valores culturais estão sendo

destruídos, dando lugar a novos valores do neocapitalismo. O que interessa para os indivíduos agora é tentar cumprir uma cultura imposta pelos *mass media*, deixando de lado aquela cultura com valores comu-

¹⁰ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 98.

¹¹ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 98.

¹² PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 101.

nitários e populares, visto que ela não se adequa aos novos modelos de vida do neocapitalismo, ou seja, um modelo pequeno-burguês. Tratando sobre isso, em uma entrevista à Duflot, Pasolini é questionado: “Este pessimismo a respeito dos bens alienantes, dos produtos falsamente míticos, se inscreve numa escatologia pessoal, em virtude da qual você presente o desastre de nossa civilização?” Pasolini respondi:

Na medida em que reajo afetivamente, praticamente, conheço muito pouco o conteúdo deste pessimismo. Não me coloco o problema numa perspectiva escatológica próxima. Seria preciso, com efeito, colocá-lo em termos de decênios ou de séculos. Ora, sempre me fixei, enfim, num horizonte situado a milhares de anos. Como falar neste caso de escatologia? Todo o problema está aí: como nascem os novos valores, e sob que formas? Quando terminam os valores antigos e deles nascem outros? Estamos hoje mergulhados num mundo de transição onde os antigos valores, permanecendo ainda válidos, se degradam a olhos vistos¹³.

¹³ PASOLINI, Pier Paolo. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Duflot* [1983]. Trad. br. Luiz Nazário, São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 59.